

Elogio à loucura: reflexões sobre a loucura no livro “Alice no país das maravilhas”, de Lewis Carroll

Pedro Paulo Rosemberg da Silva Oliveira¹

Resumo: O objetivo do presente artigo é fornecer de forma simples e estruturada, uma compreensão focalizada nos termos da Teoria da Literatura, uma leitura do personagem Chapeleiro Maluco, do livro de Lewis Carroll, *Alice no país das maravilhas*. O texto centrar-se-á em três eixos de análises. O primeiro eixo analisará a loucura e seus conceitos, através de tendências gerais na cultura ocidental, bem como a afirmação das instituições modernas para o gerenciamento da loucura. O segundo eixo, centrado na análise da obra, focalizará a composição da obra e seus personagens. Enfatiza-se portanto, neste ponto, algumas ideias que tornam a obra famosa. No terceiro eixo, unindo os pontos anteriores, aponta-se o foco da loucura nos personagens do livro analisado.

Palavras-chave: loucura, Lewis Carroll, Alice, Chapeleiro Maluco, Moral, Cultura.

Introdução

O presente artigo visa elucidar alguns conceitos centrais na obra de Lewis Carroll, utilizando como ponto de análise, a loucura presente nos personagens, observando-se a cultura ocidental do século XXI. Embora a loucura seja um dos fatores que gere opiniões variadas e subjetivas, esta é, há muito tempo, um tema valoroso para a literatura, cinema e teatro. Vilões e mocinhos, ao duelarem de várias formas — físicas, morais, éticas, intelectuais, etc —, embarcam, muitas vezes, em conflitos que para muitos, poderiam considerar-se loucura, perante a vida dos mesmos.

Utilizando como amparo de comunicação entre a narrativa da vida e a loucura, vista apenas como uma doença que acomete as pessoas *pobres de espírito* e *desprovidas de bens*, Desidério Erasmo de Rotterdam em seu livro *Elogie de la folie*, ou em português, “Elogio da Loucura”, através da perspectiva da própria loucura, decorre um caminho acerca da vida. É comum, visto até na obra de Erasmo — como é nomeado na capa do livro —, atribuí-se a loucura como uma enfermidade dos pobres e desprovidos de uma fortuna. Tal fortuna, nesta elucidação, mais similar à *virtù* de Machiavelli (2019) — a *virtù* seria a forma de controlar as ações do indivíduo, enquanto que a *fortuna* seria as sortes da vida, favoráveis ou desfavoráveis; isso em Machiavelli (1976). Tanto a *virtù* (virtude), quanto a fortuna

¹ Aluno de graduação no grau de bacharelado em Letras-Tecnologias da Edição no Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET-MG).

(sorte), pode ser utilizada para analisar a sanidade mental de outrem, no entanto, focaremos nas visões antagônicas entre bem e mal, certo e errado, são e doente mental — como Nietzsche atribui em “O Anticristo” (2016) —, introduzindo a ideia dicotômica que, ao deslocar-se para fora dos ideais, métodos e formas de uma sociedade, este estará sendo visto como “louco”.

Em Dahia (2013), é possível adentrar um pouco na base das instituições basais que regulam alguns órgãos singulares nas sociedades ocidentais. Estes órgãos, baseando-se na ordem social de que deva haver uma ordem lógica em cada camada estruturada na sociedade, está, de todo modo, ligado à loucura. Nas sociedades ocidentais, há paradigmas ligados ao modo como se estrutura as relações sociais. De um modo amplo, pode-se dizer que, principalmente em culturas com princípios de classes sociais estruturadas — como a do Brasil —, diz-se que, por exemplo, se uma pessoa de uma classe social mais elevada larga tudo o que tem para fazer uma peregrinação, este encontrou uma *clareza*; enquanto que, se um indivíduo de uma classe social inferior ao anterior citado, faz o mesmo trajeto, comumente será considerado um desertor da sociedade à qual fazia parte. Precisa-se, portanto, de uma forma de controle das massas.

Portanto, para que haja uma *loucura*, precisa-se, necessariamente, de pessoas que estejam fora dos padrões determinados pela sociedade e pela orientação cultural atribuída a ela. Não iremos, no entanto, adentrar nas doenças mentais de fato, já que este plano está muito além do que se pretende ser analisado. Diversos autores descrevem como a loucura é inerente ao homem, como Foucault (2008) — onde a loucura é atribuída ao fato de que, sendo contrários nas artes de que há uma verdade embutida na mesma, haverá, até certo ponto, uma verdade notória, inventada, infiel ou baseada em um fato coerente, o que tornaria, desse modo, a loucura apenas um recurso ou método de observação da vida e análise das artes nelas mesmas.

Logo, a loucura seria em diversos textos, vista como pertencente à estrutura basal e primordial ao ser humano. O que deve-se pensar a partir deste ponto é: a loucura, sendo inerente ao ser humano, esta é um estado do ser ou faz-se parte do próprio ser atemporalmente? Ou seja, quem é louco é ou apenas *está*?

O ser paradoxal da literatura

Como é descrito por Santos e Oliveira (2001), o personagem caracterizado por não existir fora do papel, sendo *ficcional*, logo, ele não pode *ser*. Pois, quem é, existe. Na ficção, por exemplo, animais podem falar, objetos se movimentam sozinhos, há magia, seres intergalácticos estão em todos os cantos da Terra e, por incrível que pareça, acredita-se que tudo possa ser real ou se tornar um dia — o imaginário ganha vida. Neste ponto, deve-se pensar em dois pontos centrais para qualquer trama: primeiramente, podemos pensar em algo que não exista? Obviamente, não é possível. Podemos pensar, claramente, em coisas que poderiam

existir de acordo com leis imaginárias, cinematográficas ou mágicas, que por sua vez, estariam imersas em verossimilhança para com o real. Logo, tudo que se pensa acerca de personagens na literatura provém de algo que existiu, existe ou existirá fora da ficção. Um claro exemplo disso é o livro *Manual do professor pardal* (1972), que de acordo com internautas da rede social *twitter*, previu a Netflix, empresa de *streaming*². Claramente, prever algo vindouro de um futuro próximo é simples, se realizado com propriedades estruturadas de um conhecimento prévio acerca de como está estruturando-se as patentes e invenções daquele tempo, bem como, se conhecer as tendências da época em questão.

Por conseguinte, a forma na qual o personagem é estruturado baseia-se na conjuntura factual do tempo ao qual o autor se pretende basear, estruturando-se a partir do tempo vivido para que haja proximidade acerca do que é lido na ficção e o que é vivido fora dela. A questão de reconhecimento, ou simples conhecer-se no outro é visto frequentemente na literatura pelo fato de aumentar as chances de ser lido por pessoas que se veem no que é escrito. A junção psicológica das personagens, classificando-nas em formas, *planas* — imutáveis e clichês — ou *esféricas* — mutáveis e inconstantes — torna as personagens satisfatórias, visto que, a tendência de mudança em algumas pessoas é menor que em outras, vindo desse ponto, a reintrodução da ideia de que, a ficção baseia-se nas constantes da não-ficção.

Outra abordagem a ser considerada é a de que *ser* e *estar* são formas existenciais diferentes. O *ser* é abordado por aquilo que é, que existe independente do tempo ou do espaço. Já o *estar* é um estado, ou seja, depende do tempo ou do espaço na qual o indivíduo se encontra. Dessa forma, a menos que o indivíduo não esteja em lugar nenhum, *ele não está*, enquanto que, se não está, não é, portanto, não existe. Este paradoxo é atrelado à Santos e Oliveira (2001), visto que “atribuímos ao *ser* um certo *estar*” (Santos; Oliveira, 2001).

A obra “*Alice no país das maravilhas*”

A obra *Alice no país das maravilhas*, de autoria de Lewis Carroll, pseudônimo de Charles Lutwidge Dodgson, foi publicada em 04 de julho de 1865. Apesar de algumas diferenças entre as versões, adaptadas à adultos, é originalmente uma obra infantil, apresentando diversas críticas sobre a época em que foi escrita. Pelo fato de “subverter os contos de fadas tradicionais” (Marcello, 2011) — Carroll cria um mundo onde a não se segue as leis lógicas —, encontra-se aí a singularidade da obra.

A Alice da obra é inspirada em Alice Liddel, uma das filhas do amigo de Carroll, sendo contada para entretê-las em um passeio pelo rio Tâmsa, cativando-lhes a atenção durante o passeio. Algum tempo depois, Carroll escreveu

² Tecnologia de transmissão de fluxo de contínuo de dados, comumente associada à vídeo ou material audiovisual.

uma versão para presentear a *verdadeira Alice* e, posteriormente, escrevendo uma versão mais completa para publicar.

A obra trata de uma jovem curiosa chamada Alice, que após decidir seguir um coelho de terno e com um relógio de bolso, entrando no buraco, ainda seguindo o coelho, Alice entra em um mundo fantástico onde não há leis lógicas a serem seguidas e, grande parte dos conhecimentos prévios à queda são reconsiderados. A personagem central, Alice, passa por diversas aventuras dentro da trama, como conhecer a Rainha de Copas, o Chapeleiro Maluco e a Lagarta que fuma narguilé entre outros. Após Alice participar de um jogo “muito estranho” de *toque-emboque*, ela participa também de um julgamento muito “sem sentido” que as testemunhas estão confusas e nada sabem sobre o roubo das tortas. Depois de todas as aventuras vividas, Alice acorda no colo da sua irmã e descobre que nada passou de um sonho.

Análise do personagem Chapeleiro Maluco

O primeiro personagem a ser analisado é o Chapeleiro Maluco ou Chapeleiro Louco. Através de uma breve análise sobre sua origem, vindoura da época em que foi escrita. À época em questão dos anos de 1860-1870, era muito comum que os homens de todas as classes sociais utilizassem chapéus trabalhado em mercúrio para tratar as peles, lãs, tecidos e matérias primas gerais que os adornavam.

O mercúrio, ao ser absorvido pelo corpo, sendo solúvel em gorduras, podendo atravessar membranas e, ao se manter em sua forma metálica, pode perpassar pela barreira hematoencefálica, chegando ao cérebro, prejudicando-o, bem como o sistema nervoso central e periférico, gerando como efeitos colaterais pela absorção, as alterações de personalidade, irritabilidade, alucinações, confusão mental, depressão, irritabilidade emocional, anormalidade nos reflexos, coma, até mesmo a morte.

Já na época de Lewis Carroll, era usual a frase “louco feito um chapeleiro”, o que demonstra, de forma bem crítica, algo que o autor se apossou ao escrever o livro, sendo, posteriormente, atrelado a outros personagens com características psicossociais similares: a loucura pode ser obtida — como os célebres *Coringa* e *Duas Caras*, arquirrivais do Batman.

Apesar de que alguns personagens não contam se eram loucos ao nascer ou se adquiriram e como a adquiriram, pode-se entender que todos já eram assim desde o início de sua existência na trama. Dessa forma, através da análise do Chapeleiro Maluco, percebe-se que este com tendências depressivas, pode estar sofrendo com o mal de envenenamento por mercúrio. Através da visão do diretor Tim Burton, de forma bem próxima a do autor, apresenta o personagem de forma a elucidar sua loucura — pálido, lábios vermelhos (ruborizados) e rubores localizados abaixo dos olhos.

O personagem em questão, o Chapeleiro Maluco, desempenha um papel muito importante na trama, tendo em vista que, ele é quem protege e auxilia Alice em suas aventuras. De acordo com o enredo, o Chapeleiro teve uma briga com o *tempo*, sendo obrigado a viver sempre no horário do chá, às 6 horas da tarde (dezoito horas) — observa-se desse modo que o *tempo* desempenha um papel muito importante para a trama, já que em virtude desse desentendimento, o Chapeleiro fica preso a um estado de um momento fixo na linha tempo-espaço do decorrer do livro —, não estando, no entanto, preso ao espaço e sim ao tempo.

O personagem é volátil, instável em seus atos, tendo uma notória expressividade em seus sentimentos — demonstrados de forma condizente com sua forma de demonstrá-los e sua forma de ser, dicotômica e nonsense. Nas adaptações apresenta algumas nuances que tornam esta análise diferente, sendo considerado no entanto, as análises do livro de Carroll (2009).

Conclusões

Assim como disse Erasmo, “[...] a Fortuna ama os insensatos, os homens ousados e temerários [...]” — e posteriormente:

“Os loucos, ao contrário, nadam na opulência, governam os impérios, em suma, desfrutam do destino mais feliz e mais próspero. De fato, se fazeis consistir vossa felicidade em agradar os soberanos e em ser admitidos no meio brilhante dos príncipes e dos cortesãos, de que vos servirá a sabedoria?” (Erasmo, 2017, p. 109).

O sentido na qual Erasmo descreve é o de que os loucos não temem tampouco a morte, não são temerários dos sistemas sociais e instituições que regem as sociedades que estão. São senhores de si mesmos por não serem controlados e, por estarem à margem dela, não sofrem com questões de ordens, de poder e de diversas outras questões que abarcam singularidades da sociedade em si. À vista disso e do controle imposto pelas instituições sociais de controle, bem como a perda da moralidade e da ética por parte dos loucos — como elucidado por Dahia (2013), utilizando Hannah Arendt como base argumentativa —, faz com que estes sejam vistos como pessoas desprovidas de uma virtude própria para conviver em uma sociedade que, por este motivo, está adoecendo.

A loucura seria, portanto, uma forma de observar o contrário da maioria de uma sociedade que se está inserido. Toda forma de vivência marginal à ela, seria considerada como *louca* ou *errada*, e esta, seria uma dentre outras a se reputar e — quando Carroll estabelece uma nação inteira fora do padrão da sociedade em que ele fazia parte, como uma crítica geral à ela, considera que todos embutidos fora dela, estariam à margem, sendo Alice, a marginalizada no País das Maravilhas —, um inverso à própria sociedade.

Analisando as instituições presentes em ambas as sociedades — na ficção de Carroll e no tempo de 1865 — é possível encontrar as similaridades da realidade na ficção, como em Santos e Oliveira (2001). O Chapeleiro Maluco seria a representatividade óbvia daquela sociedade que está sã aos próprios olhos, mas que aos olhos de outrem, está totalmente fora da realidade — *é e não é* são; *está e não está* são —, uma dualidade intrínseca na própria vida e vivência que se observa.

Assim, o paradoxo da literatura e da vida não está no fato de “*ser ou não ser*”, e sim, em descobrir como *ser* e se de fato, alguém *é* — contrapondo a frase célebre de William Shakespeare —, *ser ou não ser, estar ou não estar, como descobrir? Eis a questão* — ou melhor, quem o *é*, de fato, *louco*?

REFERÊNCIAS

BRANDÃO, Helena Hathsue Nagamine. **Introdução à análise do discurso**. Campinas: Editora da Unicamp, 2012.

CARROLL, Lewis. **Alice no país das maravilhas**. São Paulo: Cosacnaify, 2009.

DAHIA, Sandra Leal de Melo. **Da obediência ao consentimento**: reflexões sobre o experimento de Milgram à luz das instituições modernas. 2013. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S0102-69922015000100225&lng=en&tlng=pt>. Acessado em: 16 nov. 2019.

ERASMO, Desidério. **Elogio da loucura**. Porto Alegre: L&PM, 2017.

FOUCAULT, Michel. **A história da loucura na idade clássica**. São Paulo: Perspectiva, 2008.

MACHIAVELLI, Nicoló di Bernardo dei. **Il principe**. Torino: Einaudi, 1976. Disponível em: <https://www.liberliber.it/mediateca/libri/m/machiavelli/il_principe/pdf/machiavelli_il_principe.pdf>. Acesso em: 16 nov. 2019.

MACHIAVELLI, Nicoló di Bernardo dei. **O príncipe**. Porto Alegre: L&PM, 2019.
MARCELLO, Caroline. **Livro Alice no país das maravilhas, de Lewis Carroll**. 2011. Disponível em: <<https://www.culturagenial.com/livro-alice-no-pais-das-maravilhas-lewis-carroll/>>. Acesso em: 16 nov. 2019.

NIETZSCHE, Friedrich. **O anticristo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.

PROVIDELLO, Guilherme Gonzaga Duarte; YASUI, Silvio. **A loucura em Foucault**: arte e loucura, loucura e desrazão. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v.20, n.4, out.-dez. 2013, p.1515-1529. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/hcsm/v20n4/0104-5970-hcsm-20-04-01515.pdf>>. Acesso em 16 nov. 2019.

SOUZA, Roberto Acízelo de. **Teoria da literatura**. São Paulo: Ática, 2007.

SANTOS, Luis Alberto Brandão; OLIVEIRA, Silvana Pessoa de. **Sujeito, tempo e espaço ficcionais**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.